

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEFIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

WILSON PAULO DA SILVA BEZERRA

**O TRATO COM O CONTEÚDO GINÁSTICA RÍTMICA: A PERCEPÇÃO DE
PROFESSORES DO SEXO MASCULINO SOBRE SUA ATUAÇÃO NUMA
MODALIDADE EXCLUSIVAMENTE FEMININA**

RECIFE/PE

2021

WILSON PAULO DA SILVA BEZERRA

**O TRATO COM O CONTEÚDO GINÁSTICA RÍTMICA: A PERCEPÇÃO DE
PROFESSORES DO SEXO MASCULINO SOBRE SUA ATUAÇÃO NUMA
MODALIDADE EXCLUSIVAMENTE FEMININA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção final do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Natália Barros Beltrão
Pirauá

RECIFE/PE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B574t Bezerra, Wilson
O trato com o conteúdo Ginástica Rítmica: a percepção de professores do sexo masculino sobre sua atuação numa modalidade exclusivamente feminina / Wilson Bezerra. - 2021.
60 f. : il.
- Orientadora: Natalia Barros Beltrao Piraua.
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Educação Física, Recife, 2021.
1. Gênero. 2. Ginástica Rítmica. 3. Visibilidade. I. Piraua, Natalia Barros Beltrao, orient. II. Título

CDD 613.7

WILSON PAULO DA SILVA BEZERRA

**O TRATO COM O CONTEÚDO GINÁSTICA RÍTMICA: A PERCEPÇÃO DE
PROFESSORES DO SEXO MASCULINO SOBRE SUA ATUAÇÃO NUMA
MODALIDADE EXCLUSIVAMENTE FEMININA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção final do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Natália Barros Beltrão Pirauá

Aprovado em 10 de Dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Natália Barros Beltrão Pirauá (Orientadora)

Prof^a Ma. Rita Cláudia Batista Ferreira Rodrigues (Examinadora I)

Prof^a Dr^a Maria Helena Câmara Lira (Examinadora II)

RECIFE/PE

2021

Dedico

A Deus, a toda minha família e amigos, principalmente aos grandes amigos que conquistei ao longo de minha vida acadêmica, pois foram um grande suporte para minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças no meio de tantas turbulências que aconteceram durante toda a minha formação.

Aos meus pais, que mesmo não tendo apoiado a minha decisão de ser professor, acabaram me dando ainda mais força para que eu continuasse firme na decisão que eu tomei.

Aos meus irmãos que sempre me apoiaram, mas com enfoque ainda maior na minha irmã, que desde o momento que soube que eu havia passado numa universidade pública comemorou a minha vitória como sendo uma vitória dela e por sempre me dar forças nos meus momentos mais difíceis.

Aos meus amigos de infância que estão comigo sempre e eu não poderia deixar de dar uma importância maior ao meu primo Iverson, que me ajudou e ainda ajuda muito em absolutamente tudo em minha vida.

Às amigadas que fui presenteado em ter na universidade, pois estes foram grandes exemplos que pude ter em minha formação, foram minha base, meu apoio e uma grande fonte de conhecimento durante minha vida acadêmica.

Por falar em grande fonte de conhecimento, eu não poderia deixar de agradecer aos professores que ajudaram na minha construção profissional e política, pois se hoje eu sei dar aula, isso veio através de vocês.

À minha preceptora do Residência Pedagógica, Rita Cláudia, que sem sombra de dúvidas me ajudou muito e ainda me ajuda em minha formação profissional.

E por último e não menos importante, à minha orientadora Natália, que foi muito mais do que uma orientadora, foi e é uma pessoa incrível, que eu sempre pude contar, que me deu conselhos e dicas incríveis de como dar boas aulas e que me apresentou as duas disciplinas que são hoje minhas grandes paixões, a Ginástica e a Dança. Sem sombra de dúvidas, Natália não é só um presente que eu enquanto aluno da Rural ganhei, mas é um presente que todos os já tiveram a honra de tê-la como professora ganharam, e quem disser o contrário já está errado.

RESUMO

A partir das discussões sobre gênero que giram em torno do universo do esporte, a Ginástica Rítmica (GR) se faz presente como aquela modalidade que é dita como sendo de exclusividade de apenas um dos sexos, o feminino. Analisar a visão e a realidade de professores do sexo masculino sobre sua atuação na GR é o objetivo geral desta pesquisa, que ainda traz em seus objetivos específicos o intuito de Identificar quais as possíveis limitações que enfrenta um professor de GR, e também apontar quais são as potencialidades de um professor dessa modalidade. Esse estudo também busca saber Como se dá a atuação de professores do sexo masculino na Ginástica Rítmica, uma modalidade exclusivamente feminina? Metodologicamente, o tema foi analisado através de um estudo descritivo, de corte transversal e com enfoque quali-quantitativo, a partir de um questionário que foi aplicado em forma de entrevista, contando com a participação de três professores, trazendo como critério de inclusão, serem do sexo masculino e trabalharem com GR. O contato inicial com esses professores foi feito através de suas redes sociais e as entrevistas foram todas de forma online. Os resultados da pesquisa indicam que, na visão desses professores, falta visibilidade para a GR masculina, para que esta modalidade possa se desenvolver e atrair novos alunos, e que a atual realidade dos professores atuantes na área é de que ainda enfrentam alguns preconceitos por serem do sexo masculino e trabalharem numa modalidade ainda feminina. A hipótese inicial do estudo foi confirmada, uma vez que se verificou eu a GR, como modalidade exclusivamente feminina, limita o espaço para atuação de professores homens. Dessa forma, de acordo com o que foi dito por cada professor entrevistado, a GR masculina esta avançando, porem a passos muito lentos, de forma que se enxerga um futuro para a prática masculina dentro desta modalidade, mas ainda não se sabe quando isso vai acontecer. A mídia que é uma grande divulgadora de esportes, pode ser um fator que influencie no desenvolvimento desta modalidade para os meninos, o que atualmente não esta acontecendo e esse não acontecer acaba sendo uma barreira, onde de acordo com tudo o que foi visto, as barreiras estão muito presentes no universo de quem pretende ingressar nessa carreira, mas a representatividade de se ter um professor do sexo masculino numa modalidade exclusivamente feminina é muito importante.

Palavras-chave: Gênero. Ginástica Rítmica. Visibilidade.

ABSTRACT

From the discussions about gender that revolve around the universe of sport, Rhythmic Gymnastics (GR) is present as that modality that is said to be exclusive to only one of the sexes, the female. Analyzing the vision and reality of male teachers about their role in GR is the general objective of this research, which also has in its specific objectives the aim of identifying the possible limitations faced by a GR teacher, and also pointing out what are the potential of a teacher of this modality.. This study also seeks to know How is the performance of male teachers in Rhythmic Gymnastics, an exclusively female modality? Methodologically, the theme was analyzed through a descriptive, cross-sectional study with a quali-quantitative focus, from a questionnaire that was applied in the form of an interview, with the participation of three teachers, bringing as an inclusion criterion, being male and working with GR. The initial contact with these teachers was made through their social networks and the interviews were all online. The research results indicate that, in the view of these teachers, there is a lack of visibility for male GR, so that this modality can develop and attract new students and that the current reality of teachers working in the area is that they still face some prejudices for being male. and work in a still feminine modality. The initial hypothesis of the study was confirmed, since it was found that GR, as an exclusively female modality, limits the space for the performance of male teachers. Thus, according to what was said by each teacher interviewed, the male GR is advancing, but at very slow steps, so that a future is seen for male practice within this modality, but it is still unknown when this will happen. The media, which is a great promoter of sports, can be a factor that influences the development of this modality for boys, which is currently not happening and this does not happen ends up being a barrier, where, according to everything that was seen, the Barriers are very present in the universe of those who intend to enter this career, but the representation of having a male teacher in an exclusively female modality is very important.

Keywords: Gender. Rhythmic gymnastics. Visibility.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E1 – Entrevistado um

E2 – Entrevistado dois

E3 – Entrevistado três

EDF – Educação Física

FIG – Federação Internacional de Ginástica

GA – Ginástica Artística

GR – Ginástica Rítmica

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Georges Demeny	17
Figura 2 – François Delsarte.....	17
Figura 3 – Isadora Duncan	17
Figura 4 – Émile-Jaques Dalcroze	18

LISTA DE ANEXOS E APÊNDICES

Anexo 1 - Termo de consentimento livre e esclarecido de participação na pesquisa

Anexo 2 - Entrevistas transcritas

Apêndice 1 - Roteiro de entrevista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OBJETIVOS	15
2.1	Geral	15
2.2	Específicos	15
3	REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1	História da GR: surgimento e evolução	16
3.2	Grandes nomes da GR	16
3.3	Feminilidades e masculinidades: uma construção social	18
3.4	O professor de GR	20
4	MÉTODOS	22
4.1	Caracterização do estudo	22
4.2	Amostra	22
4.3	Instrumentos e procedimentos	23
4.4	Considerações éticas	23
5	RESULTADOS/DISCUSSÃO	24
5.1	Início do interesse pela GR	24
5.2	Preconceitos durante a prática da GR	26
5.3	Preconceitos enquanto professor	27
5.4	Alunos do sexo masculino	29
5.5	A projeção de uma carreira de sucesso e seus possíveis desafios limitantes	32
5.6	Potencialidades de um professor do sexo masculino que possam melhor contribuir para essa modalidade	34
6	CONCLUSÃO	37
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	41
	ANEXO 1	44
	ANEXO 2	46
	APÊNDICE 1	60

1 INTRODUÇÃO

Na história da humanidade, as atividades físicas sempre estiveram presentes, antes mesmo destas atividades se organizarem como esportes. Segundo Tubino (2017), “Na antiguidade, antes de surgir o esporte, existiam atividades físicas de caráter utilitário-guerreiro, higiênicas, rituais e educativas.” Essas atividades só vieram a se tornar esportes, quando os homens deixaram de ser nômades e fixaram-se na terra.

Com o passar do tempo, os esportes foram se organizando cada vez mais, e chegaram a serem sistematizados em um evento mundial de caráter competitivo, as Olimpíadas. Nela, que sempre foi o principal evento desportivo, os esportes foram praticados inicialmente por homens, devido os treinamentos que os atletas recebiam, e dos esportes disputados, muitos tinham movimentos ditos como masculinos, logo essa ideia se perpetuou durante a história e ainda vemos resquícios nos dias atuais.

As modalidades que foram praticadas inicialmente por homens, a exemplo do futebol, até hoje carrega consigo um tom sexista, pois desde suas formas mais primitivas, quando praticado na Inglaterra, foi protagonizado por homens (COLLI, 2004). E assim até os dias atuais, há uma forte influência masculina, tanto no esporte, quanto na mídia.

Dentre os esportes ditos como sexistas, a Ginástica entra enquanto aquele que é tipicamente executado pelo sexo feminino. A GR, especificamente, desde a sua origem, é oficialmente praticada exclusivamente por mulheres. De acordo com a Federação Internacional de Ginástica (FIG), desde o Egito antigo já se tinham registros de mulheres praticando Ginástica. Com o passar do tempo, a Educação Física (EDF) passou a ser incentivada para as mulheres, e em 1946, essa atividade passou a ser praticada exclusivamente por mulheres.

Apesar de haver a prática da GR por homens em alguns núcleos pelo mundo, essa prática ainda é experimental e não sistemática, e, portanto, não há referência na mídia da participação de homens na modalidade. Por esse motivo, sua prática é tida como feminina. De acordo com Sarôa

A ginástica Rítmica é um esporte praticado por mulheres, prioriza os movimentos corporais leves, porém com dinamismo, harmonia e amplitude, expressando sempre a beleza e a plasticidade da ginasta na execução dos exercícios realizados com virtuosismo acompanhado pelos aparelhos: arco, bola, corda, fita e maças. (SARÔA, 2005, p. 29)

Por ser tida como feminina, muitas vezes essa prática é rejeitada por parte dos meninos. Assim como dizem Gaio e Santos

A modalidade de Ginástica Rítmica [...], é uma prática esportiva de caráter exclusivamente feminino, segundo as regras oficiais do esporte publicado pela Federação Internacional de Ginástica e isso, dificulta a pratica dessa modalidade para o sexo masculino. (GAIO; SANTOS, 2010, p. 2)

Estudos apontam que a presença masculina nos ginásios ainda é bem pequena e com funções bem distintas, não havendo assim a prática da GR por pessoas do sexo masculino. No estudo de Boaventura e Vaz (2010), que investigou as identidades femininas em atletas de GR, confirmou a falta da presença masculina no ambiente da GR.

Apenas dois homens estiveram presentes no período de observação e nenhum deles permaneceu do início ao fim de uma sessão. Nas falas das atletas ficou claro que as características da GR determinam a exclusão do sexo masculino na modalidade e observa-se que a ausência de homens não se dá pela prática do esporte, mas sim, porque esta feriria, segundo as ginastas, as características ditas como "masculinas". (BOAVENTURA; VAZ, 2010, p. 3)

Sendo assim é pertinente entender como se estrutura uma carreira de um professor de GR, identificando as possíveis limitações que enfrenta um professor de GR, e apontar quais são as potencialidades de um professor dessa modalidade.

Analisar a visão e a realidade de professores do sexo masculino sobre sua atuação na GR é o principal objetivo desse trabalho. Acredita-se que, por se tratar de uma modalidade exclusivamente feminina, os professores sofrem com limitações de espaço para atuação por serem homens.

O ato de planejar uma aula de Educação Física requer um domínio do conteúdo que está sendo abordado, e quando se trata de uma aula de Ginástica Rítmica (GR), vale ressaltar que, de acordo com a Federação Internacional de Ginástica (FIG), esta modalidade é de exclusividade feminina. Dentro de sala de aula essa divisão de esporte de menino e de menina não existe, porém, ou pelo menos não deve existir. Sabendo dessa informação dada pela FIG, dar aulas dessa modalidade se torna em muitas vezes um tanto desafiador, como dizem em seu estudo Gaio e Santos:

A modalidade de Ginástica Rítmica [...], é uma prática esportiva de caráter exclusivamente feminino, segundo as regras oficiais do esporte publicado pela Federação Internacional de Ginástica e isso, dificulta a prática dessa modalidade para o sexo masculino. (GAIO; SANTOS 2010, p. 2)

Por se tratar de uma modalidade exclusivamente feminina, tanto de acordo com a FIG, quanto com o que foi construído historicamente, onde homens disputavam esportes que envolvessem força e mulheres a beleza e a leveza, são poucos os homens que atuam dentro desta modalidade, em seu estudo Boaventura e Vaz, dizem que:

É neste contexto histórico que encontramos a GR como um campo feminino por excelência. A presença masculina não é comum nos espaços de treinamentos e o número de mulheres sempre é muito maior que o de homens. (BOAVENTURA; VAZ 2010, p. 3)

Apesar de ser feminina, na escola não se tem essa divisão: as aulas serão dadas para ambos os sexos, independente da modalidade vivenciada. Mas se torna interessante saber também a visão dos professores sobre o tema: Como se estrutura uma aula de GR? E como se dá a aplicação da mesma? Daí surgiu o interesse de se falar nesse tema. Mais precisamente a visão dos professores do sexo masculino.

Saber como é a realidade desses professores é um dos pontos que este trabalho se destina a realizar. “O que eles passam em suas aulas?”; “Como eles veem a prática da GR por meninos?”; “Como eles enxergam o futuro da GR para os meninos?”. Saber a realidade dos homens nessa modalidade é importante. Um problema que pode ocorrer na escola, no caso dos meninos, é que eles não se veem na modalidade; eles não encontram a imagem de um homem nesta modalidade. Então, como podemos pensar na prática masculina dentro da GR?

A GR é um nicho de trabalho e um conteúdo da Educação Física, logo as pessoas precisam sentir-se livres para atuar dentro desta modalidade, tanto homens, quanto mulheres. É relevante saber como se dá a atuação dos homens e as nuances de sua prática com a GR.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Analisar a visão e a realidade de professores do sexo masculino sobre sua atuação na Ginástica Rítmica.

2.2 Específicos

- Identificar as possíveis limitações que enfrenta um professor de GR.
- Apontar quais são as potencialidades de um professor dessa modalidade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 História da GR: surgimento e evolução

Assim como muitos esportes, a GR vem desde a antiguidade, não exatamente com este nome, ou da forma que é praticada hoje, mas existem registros de que ela já existia, de acordo com a Federação Internacional de Ginástica (FIG)

[...] a Ginástica Rítmica tem suas raízes na antiguidade e até mesmo ultrapassou a Ginástica dos Gregos Antigos. Vestígios podem ser encontrados no Antigo Egito, onde a expressão estética da forma humana foi incentivada e a beleza elevada ao status de culto. Cerâmica egípcia antiga, tumbas e até mesmo algumas das pirâmides são responsáveis por algumas das primeiras evidências registradas da ginástica, com mulheres retratadas em flexões para trás e até mesmo dançando em grupos com bolas. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 2021)

Em toda sua história ela passou por várias modificações em seu nome até chegar ao atual GR , segundo Boaventura

Ao longo de sua história a Ginástica Rítmica recebeu várias denominações: Ginástica Moderna (1963), Ginástica Feminina Moderna e Ginástica Rítmica Moderna (1972), Ginástica Rítmica Desportiva (1975) e Ginástica Rítmica (1998), e em seu processo de adaptação como agente pedagógico e competitivo, foi encontrando aos poucos sua caracterização definitiva. (BOAVENTURA, 2011, p. 7)

Grandes nomes ajudaram no desenvolvimento da GR como conhecemos hoje, através de novos movimentos, da inclusão da música e outras características importantes. Podemos citar, por exemplo, quatro importantes nomes, Georges Demeny, François Delsarte. Outro nome importante dentro da GR e fortemente influenciada por Delsarte foi Isadora Duncan e por fim Émile-Jaques Dalcroze.

Pode-se observar que apesar de ser influenciada também por dois homens, a GR desde seu início sempre foi praticada por mulheres, e é assim até os dias atuais.

Ao passar dos anos a GR foi se modernizando, novas regras foram sendo implantadas e os aparelhos utilizados também foram se modernizando. Nos Jogos Olímpicos a GR só foi incluída em 1984 em Los Angeles/Califórnia, nos jogos anteriores, ela não participava como competitiva.

3.2 Grandes nomes da GR



Figura 1. Georges Demeny. Fonte: Google

Georges Demeny (1850 - 1917)

Fisiologista francês e pioneiro da fotografia de origem húngara, foi um contribuinte significativo para a educação física para mulheres, defendendo os benefícios do uso de um sistema especial de exercícios para alongar os músculos e desenvolver a flexibilidade. Seu sistema incluía exercícios com aparelhos manuais, como grinaldas e gravetos. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 2021)



Figura 2. François Delsarte. Fonte: Google

François Delsarte (1811 - 1861)

Músico e educador que acreditava que os exercícios eram a chave para o equilíbrio, a beleza, a saúde e o sucesso. O "sistema de expressão" Delsarte foi promovido como benéfico na melhoria do desempenho em canto, dança e teatro. Suas ideias sobre movimento e estética formam o princípio básico da Ginástica Rítmica hoje: expressão através do movimento. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 2021)



Figura 3. Isadora Duncan. Fonte: Google

Isadora Duncan (1877 - 1927)

Foi fundamental para o desenvolvimento do esporte como criador da dança moderna como a conhecemos hoje. Duncan quebrou todos os tabus, dando a devida importância ao movimento natural, beleza e liberdade de expressão, e suas performances foram recebidas com aclamação. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 2021)



Figura 4. Émile-Jaques Dalcroze. Fonte: Google

Émile-Jaques Dalcroze (1865 - 1950)

Músico e professor cujas ideias se inspiraram numa mistura de música e dança. O instituto Dalcroze, fundado em Genebra, continua a ensinar ginastas rítmicos usando os métodos *eurítmicos* em que ele foi pioneiro. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 2021)

3.3 Feminilidades e masculinidades: uma construção social

O que o corpo feminino e o corpo masculino podem fazer sempre esteve em constante debate dentro do mundo dos esportes. Historicamente, as atividades desempenhadas por meninos e meninas sempre foram bem distintas, atualmente isso vem mudando bastante, mas ainda existem algumas modalidades de esporte que são destinadas em sua exclusividade a um dos sexos, como exemplo a própria GR. Muito disso se deve as mais determinadas culturas presentes em uma sociedade, que acabam criando um descompasso no desempenho de algumas atividades físicas, assim como relata Costa:

Sem negar as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, compreendemos que o descompasso no desempenho de atividades físicas e esportivas entre os gêneros é decorrente de condicionantes socioculturais, que, desde muito cedo, vão demarcando nos corpos de meninos e meninas os seus limites e possibilidades de desenvolvimento. (COSTA, 2017, p. 2)

O esporte para as meninas sempre foi muito restrito, antigamente, o corpo feminino era visto como algo frágil, ou como um mero reprodutor, assim como diz Adelman

[...] a corporalidade feminina se definia em função da suposta missão das mulheres como reprodutoras. Se a elegância e a delicadeza eram 'atributos femininos' altamente valorizados, as práticas físicas permitidas se restringiam àquelas que se conciliavam com as idéias que prevaleciam sobre a natureza fraca do corpo e do sistema reprodutivo femininos. (ADELMAN, 2003, p. 446)

Já Pedro e Guedes dizem que

Submissas aos homens, aos quais cabia o provimento das necessidades materiais do lar, as mulheres tinham seu espaço restrito à esfera privada entendida como reino das necessidades e como espaço prépolítico, no qual os homens se preparavam e supriam suas necessidades para poderem participar como cidadãos livres da esfera pública. (PEDRO; GUEDES, 2010, p. 2)

Esse estigma relacionado ao corpo da mulher vem sendo desconstruído ao longo do tempo, mas ainda insistem em resistir pequenos fragmentos dessa concepção do corpo feminino. A desconstrução desse estigma se deve bastante as conquistas feministas dentro da sociedade, mais precisamente no Brasil, o movimento feminista vem obtendo grandes conquistas, ainda seguindo o que dizem Pedro e Guedes

O movimento de mulheres, exerceram papel fundamental nas conquistas históricas como no âmbito nacional em que, ocorreu o reconhecimento de igualdade entre homens e mulheres que, se torna obrigatório a partir da constituição de 1988 e mais atualmente a Lei Maria da Penha, e no internacional, a implantação do dia internacional da mulher que rememora a importância do movimento feminista, além de colocar na agenda pública a necessária atenção às políticas de gênero. (PEDRO; GUEDES, 2010, p. 8)

Vale ressaltar, que quando falamos de movimento feminista, estamos falando da luta por igualdade, logo falamos também da igualdade dentro dos esportes. Entendendo a prática dos esportes como para todos, não cabe pensar como que é um esporte para meninos ou o esporte que é para meninas. A prática precisa ser de forma plural e conjunta. A Educação física pode e deve ser um diferencial na mudança desse tipo de divisão de gênero dentro do esporte, pois há muito tempo o papel das mulheres é bem secundário ao dos homens, assim como diz Costa

Não é de hoje que as mulheres vêm exercendo um papel secundário ao do homem, não só nos esportes e nas atividades físicas, mas em diversos setores da sociedade. Isso se dá pelas diferentes formas que se educam homens e mulheres, fazendo com que os mesmos adquiram habilidades específicas para cada gênero. (COSTA, 2017, p. 3)

Romper com essa dissociação é uma de nossas funções, trabalhar dentro de uma sociedade para que esta se torne cada vez mais igualitária, não excluindo o masculino ou o feminino, mas fazendo com que atuem em conjunto dentro desta sociedade, assim como diz Silva

Portanto, pensar na transformação social envolve transgredir as normas de comportamento, dominação e de poder impostas pela sociedade aos gêneros. Isso não significa a exclusão do masculino, mas o pensar em homens e mulheres a partir do caráter relacional de poder, considerando que não existe apenas uma mulher ou um homem, mas sim, diferentes construções simbólicas de papéis que são flexíveis e mutáveis ao longo do tempo. (SILVA, 2012, p.7)

Logo, a transformação social dentro esporte se faz tão importante, não pensar no esporte como masculino ou feminino, mas num esporte inclusivo, para ambos os sexos, ou seja, que não haja uma separação por gênero dentro dos esportes, pois este tipo de separação é apenas uma construção social e não uma regra a ser seguida.

3.4 O professor de GR

Desde seu início, a GR sempre foi uma modalidade exclusivamente feminina, diferenciando-se assim dos demais esportes, Boaventura e Vaz trazem que:

Ao contrário das práticas esportivas em geral, o universo da Ginástica Rítmica (GR) caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente feminino, no interior do qual, leveza, beleza, graça e sensibilidade, são critérios indispensáveis para um elevado desempenho e se enquadram nas expectativas hegemonicamente destinadas às mulheres. (BOAVENTURA; VAZ, 2010, p. 1)

A GR por exigir em sua técnica delicadeza e graciosidade, logo foi definida como um esporte exclusivamente para mulheres, de acordo com as regras da FIG. Para esta modalidade o corpo feminino é visto como perfeito executante dos movimentos exigidos, ou pelo menos as expectativas geradas para este corpo correspondem aos padrões da GR, o que seria o corpo belo. Boaventura e Vaz dizem que:

A essas expectativas correspondem idéias sobre o corpo, suas formas e sua capacidade, sugerindo uma conformação magra e longelínia, com força e musculaturas especificamente generificadas, sem abrir mão de todo um sistema de autovigilância e controle do peso que a manutenção desta forma de feminilidade exige e que é requisito para uma adequada técnica de movimentos. (BOAVENTURA; VAZ, 2010, p. 1)

Mesmo sendo de exclusividade feminina, é uma modalidade da Ginástica, logo, ela terá tanto alunos quanto alunas em sua prática, e professores de ambos os sexos ministrando suas aulas.

Ministrar aulas de conteúdos exclusivamente femininos, podem se tornar um desafio para o professor, mas ao mesmo tempo, abre portas para que se possam realizar boas discussões de gênero dentro de sua aula, assim como dizem Oliveira e Porpiro:

A GR, por ser uma modalidade essencialmente feminina, pode ser uma referência para o professor fomentar discussões acerca dessa temática. É importante conduzir o aluno à percepção e à reflexão de que as práticas esportivas como a GR – essencialmente feminina por determinação social e pelas regras da modalidade – podem vir a ser realizadas tanto por homens quanto por mulheres, sem se estabelecer uma relação direta entre os praticantes e suas formas e opções de ser e de viver a sua sexualidade. (OLIVEIRA; PORPIRO, 2010, p. 12)

Encontrar professores ou técnicos exclusivos de GR não é fácil, justamente por ser um campo de exclusividade feminina. Em um estudo feito por Boaventura e Vaz (2010), realizado com praticantes e demais pessoas envolvidas nas competições de GR (técnicas, dirigentes, preparadoras etc.), nas entrevistas realizadas com ginastas, elas trazem justamente essa informação:

[...] ficou claro que as características da GR determinam a exclusão do sexo masculino na modalidade e observa-se que a ausência de homens não se dá pela prática do esporte, mas sim, porque esta feriria, segundo as ginastas, as características ditas como “masculinas”. (BOAVENTURA; VAZ, 2010, p. 3)

Desta forma a relação aluno-professor pode se tornar difícil em aula, porque a falta de referências do sexo masculino dentro do contexto da GR, pode causar uma rejeição por parte dos meninos no momento da prática. A sociedade em si, já aponta diferenças de gênero de meninos e meninas, logo o professor não pode deixar essas diferenças respingarem dentro da sala de aula, assim como dizem Gaio e Santos (2010, p. 6), “os profissionais de Educação Física, devem fazer sua parte, incluindo meninos e meninas nas aulas e assim amenizar essas diferenças de gênero, imposta pela sociedade.”

A prática da GR pode e deve ser incentivada dentro da sala de aula, pois ainda segundo Gaio e Santos:

A GR, como é mais conhecida essa modalidade esportiva, através de sua estrutura trifásica de elementos corporais, manejo de aparelhos e acompanhamento musical, privilegia o desenvolvimento global de alunos e alunas, já que todos os domínios do desenvolvimento humano são trabalhados. (GAIO; SANTOS, 2010, p. 3)

Assim, esta modalidade não deve ser entendida dentro de sala de aula, como uma modalidade de exclusividade feminina. Seus benefícios são imensos, inclusive no desenvolvimento corporal, social e humano.

4 MÉTODOS

4.1 Caracterização do estudo

Trata-se de um estudo descritivo, de corte transversal e com enfoque quali-quantitativo. De acordo com Knechtel (2014, p. 106) a pesquisa quanti-qualitativa “Interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos (semântica)”.

4.2 Amostra

Participaram deste estudo três professores, com média de idade de 4,932883 (Média e desvio padrão calculados no Excel, =DESVPAD.A(20; [28]; [29])). Foram critérios de inclusão: ser professor de Ginástica Rítmica na escola ou em clubes e associações, ser do sexo masculino, e consentir voluntariamente a participação no presente estudo. Nenhum critério foi eleito para exclusão dos participantes. Todos os profissionais entrevistados estão atualmente trabalhando em clubes e associações, apenas um deles já atuou em escola, porem hoje não atua mais.

Não foi possível obter todo o quantitativo de professores desta modalidade presentes no município de Recife e dos demais municípios brasileiros, Nenhum site ou algo similar registrava dados dos professores da modalidade.

O recrutamento dos sujeitos foi realizado todo virtualmente. Inicialmente foi feito um contato com professores por meio de redes sociais (*Instagram* e *WhatsApp*), e uma vez estabelecido contato, se buscou novos sujeitos através de indicações ou participantes ou por indicação de outros professores da área. Sendo assim, a amostra configurou-se como intencional, e seu tamanho foi limitado por conveniência.

Foram encontrados (através de suas redes sociais) um total de sete professores. Ao longo da pesquisa, um professor não respondeu aos contatos, e outros três não puderam responder as perguntas em um prazo hábil para se chegar aos resultados aqui apresentados.

4.3 Instrumentos e procedimentos

Após o contato inicial, os sujeitos assinaram o termo de consentimento à participação (ANEXO 1). E em seguida foi procedida a entrevista. Para tal estudo, foi utilizado como ferramenta um roteiro de entrevista semiestruturado, com 23 perguntas abertas (APÊNDICE 1). O instrumento foi aplicado sob a forma de entrevista por áudio no *Whatsapp* e em seguida a entrevista foi transcrita.

4.4 Considerações éticas

Previamente à aplicação dos questionários junto aos professores participantes, foi apresentada uma carta, na qual continham os objetivos, os responsáveis da pesquisa, além do esclarecimento sobre possíveis desconfortos e benefícios aos professores investigados. Após o consentimento, os professores assinaram de forma eletrônica o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes de responderem os questionários.

5 RESULTADOS/DISCUSSÃO

Uma vez que a amostra se resumiu a três participantes, apresentamos a seguir a caracterização detalhada desses. O participante E1 tem 20 anos de idade, reside na cidade de Santos/SP, está cursando o ensino superior e não atua em escola. O E2, 28 anos de idade, reside na cidade de Recife/PE, possui formação superior em Educação Física e atualmente não atua mais em escola, mas já atuou. E o E3, 29 anos de idade, reside na cidade de Curitiba/PR, possui formação superior em Educação Física e não atua em escola. Apesar de um deles já ter atuado em escola, nesta pesquisa não foi entrevistados nenhum profissional que esteja atualmente atuando dentro do ambiente escolar. A escolha dos profissionais se deu através de uma amostra intencional, onde todos teriam que estar trabalhando com GR no período da entrevista e as temáticas abordadas passam por GR, gênero e inclusão.

As falas foram analisadas, nomeadas com códigos primários e então categorizadas como respostas espontâneas - quando o entrevistador não disponibiliza as opções de resposta ao participante da pesquisa. Todas as perguntas foram abertas.

5.1 Início do interesse pela GR

Dos três professores entrevistados, dois informaram que o seu interesse começou através das olimpíadas, e apenas um deles foi na escola. Sabe-se que as olimpíadas é um evento que traz consigo os mais variados esportes, e atinge uma visibilidade a nível mundial através da mídia. De acordo com Novaes (2010, p. 5), “A mídia esportiva exerce atualmente um papel muito forte na população, sendo uma das responsáveis diretas pelo consumo de determinadas práticas esportivos por crianças, jovens e adultos.” A mídia por sua vez, além de perpetuar informações importantes, em alguns momentos acaba trazendo informações que podem não só atrair olhares para os mais variados esportes, mas também pode fazer com que algumas informações afastem pessoas de determinados esportes.

E3 *“a mídia quando passa a GR, eles enfatizam que é um esporte feminino, que é só praticado por meninas e isso já não é verdade há muito tempo.”*

É possível assim observar, que um grande evento, como é o caso das olimpíadas, onde de acordo com Athayde et al.:

É inegável que, atualmente, os Jogos Olímpicos constituem um dos maiores espetáculos da humanidade. Olhar para a evolução desse evento nos auxilia a compreender melhor as transformações sofridas pela prática esportivas e suas funções na atualidade. (ATHAYDE et al., 2016, p. 493)

Pode assim trazer uma grande influência no que diz respeito ao interesse por determinada modalidade, no caso específico aqui, da GR. Por esse motivo a visibilidade se torna tão importante e foi um fato bastante citado entre os entrevistados, foi bastante relatado que quando se tem alguém que já pratica, e competições dentro da modalidade com meninos, o interesse e a procura se tornam maiores.

E3 *“as meninas tem várias referências de ginastas do sexo feminino, por isso a procura é maior por meninas e aqui no Brasil. A gente não tem tantos ginastas masculinos e referências. Agora que estão surgindo os ginastas. Na verdade, já tem um tempinho, mas não tem tanta visibilidade. Então esse fato de não ter referências de ginastas masculinos acaba impactando nessa não procura.”*

Como caracterização, os entrevistados também foram perguntados há quanto tempo atuam como professores de GR, o E1 atua há quatro meses, o E2 atua há oito anos e o E3 atua há quatro anos. Embora atualmente os três professores atuem dentro da GR, o primeiro contato que tiveram com a modalidade foi de forma visual, pela tv. Observa-se, então que a mídia se apresenta como uma grande divulgadora dos mais diversos conteúdos, e dentre esses, o esporte. E, portanto, há um peso na informação passada por esse meio de comunicação. O futebol feminino, por exemplo, passou a ser mais divulgado pela mídia no Brasil faz pouco tempo, ou seja, um esporte que deveria ser igualitário carrega consigo o estigma de ser masculino. Há sempre quem diga o que é esporte de homem e o que é esporte de mulher, ao contrário de tratar o esporte, como ele deve ser, para todos. Para Martins e Moraes:

A questão do futebol feminino não deveria ser a comparação com os homens, pois a busca de igualdade não deveria ser medida pelo espaço reservado, pela mídia, a cada um, ou pelas conquistas de cada um, mas que ambos tivessem oportunidades e tratamento acompanhados de

dignidade, encerrando uma disputa dualista. (MARTINS; MORAES 2007, p76)

Quando falamos da GR masculina, não se tem registros dessa divulgação. Logo ela se torna mais difícil de ser disseminada. Outro ponto forte trazido nas falas dos entrevistados é a importância dos estágios para a inserção na vida docente. Dois dos três entrevistados relataram ter iniciado através de estágios. Para Lima e Pimenta

No estágio [...] compete possibilitar que os futuros professores se apropriem da compreensão dessa complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais, como possibilidade de se prepararem para sua inserção profissional. É, pois, uma atividade de conhecimento das práticas institucionais e das ações nelas praticadas. (LIMA; PIMENTA, 2006, P. 12)

E2 *“Eu comecei a estagiar no 1º período da faculdade. Não era estágio remunerado, eu ia para assistir às aulas [...], eu ia assistia às aulas da professora com ela. Aí no 1º e 2ª períodos, eu sempre estava acompanhado porque eu queria aprender mais, sabe? Porque eu já tinha decidido ali, na verdade, que era o que eu queria. Então eu já queria sempre estar aprendendo mais. Aí eu largava da faculdade e já ia pra lá correndo.”*

E3 *“Eu comecei como estagiário em um projeto social lá em São Paulo, e depois que me formei na faculdade, assumi as aulas como professor titular.”*

Assim, com base nos relatos dos professores, fortalecemos ainda mais a relevância dos estágios e as oportunidades proporcionadas por eles, inclusive para a tomada de decisão, se é realmente ali, naquela posição, que se pretende estar.

5.2 Preconceitos durante a prática da GR

Apenas um entrevistado informou ter praticado GR antes de dar aulas. Este entrevistado, o E1, informou que sofreu preconceito durante sua prática.

E1 *“Sim, isso é muito triste de falar. Quando fiz 12 anos de idade, eu procurei um clube para aperfeiçoar o meu talento, porque até então eu treinava vendo vídeo*

no Youtube. Eu via os vídeos, fazia, filmava e me corrigia, querendo ficar igual a fulana, uma ginasta que eu gostava na época. Eu fui lá com minha vó fazer a matrícula, só que eles não me aceitaram pra poder treinar, porque eu era menino e a moça da recepção falou que a ginástica que meninos praticavam era a artística, que tem cavalo, que pula nas argolas. E eu fiquei olhando pra ela e falei que não quero competir, porque ela questionou isso, eu só quero treinar.”

Observa-se aqui que dos três entrevistados, só um deles praticou, e mesmo esse que praticou, teve que restringir sua prática. Inicialmente por terem rotulado qual seria a modalidade que se “poderia”, segundo lhe foi dito, ser praticada por homens; e segundo, por ele não poder visar uma competição. Ele teve que focar sua prática única e exclusivamente no treino. Ele sabia que tinha habilidades para a GR, mas que a falta de competições para homens, faria com que ele não pudesse competir. Ou seja, mesmo não querendo atuar como atleta, a prática da modalidade é bastante restrita às meninas. Sabemos que o esporte de forma geral é para todos, mas a prática fica restrita a alguns. De acordo com Canan, Starepravo (2020, p.108), “O esporte seria um dos fatores de desenvolvimento integral dos cidadãos, complementando saúde, educação, cultura e lazer.” Então, porque com a GR seria diferente? Já que o esporte é para todos e auxilia no desenvolvimento dos cidadãos, a GR deve ser proporcionada para toda e qualquer pessoa.

5.3 Preconceitos enquanto professor

A questão preconceito está frequentemente sendo citada pelos mais diversos profissionais das mais diversas áreas de atuação. Tendo como base o relatado por dois dos três professores entrevistados, observa-se que no cotidiano de um professor de GR isso também acontece, seja através das regras oficiais da modalidade, que dizem que esta é uma prática feminina, ou pelo estigma que já é carregada por uma sociedade ainda bastante preconceituosa.

E2 “Na primeira escola que eu fui trabalhar, tiveram uns pais que se reuniram e falaram com a diretora, e que não iriam aceitar um homem dando aulas para as filhas delas, e que se ela me aceitasse eles iriam tirar a filha da escola. E aí a irmã conversou com elas, a irmã que é uma mãe [...], tentou conversar com elas, mas

não tiveram acordo. As meninas saíram da ginástica logo que eu entrei. E fora isso, várias outras escolas, né? Que já bateram a porta na minha cara dizendo que não, que não aceitavam homem dando aula para meninas.”

E3 “teve treinadoras que me falaram que era pra eu procurar uma modalidade de homem, que ginástica não era coisa pra mim, ginástica era coisa de menina. Inclusive no local onde eu fui estagiário, a antiga gestora não queria me contratar pelo fato de eu ser homem e gay. Ela era muito homofóbica e não aprovava essa ideia.”

Em contra partida, o professor E1, relata não sofrer preconceitos em sua atuação.

E1 “Eu nunca sofri preconceito como professor, minhas alunas super me respeitam e isso é incrível, e é o que me motiva a continuar lutando pela GR para todos. Na verdade, o esporte para todos.”

Infelizmente, esse caso não reflete a maioria dos entrevistados. Os demais informam já terem sofrido os mais diversos tipos de preconceitos, seja no início de sua atuação profissional, ou atualmente. Mas de acordo com o relatado dos sujeitos, o início da trajetória é mais complicada em relação ao preconceito.

A questão preconceito não é uma coisa nova em nossa sociedade, para Silva, Moura e Lopes:

Antigamente, denegrir fisicamente e/ou emocionalmente mulheres, negros e homossexuais, por exemplo, era uma prática recorrente e não considerada como uma forma de preconceito e violência na sociedade. Os alvos de tamanha discriminação escondiam-se no próprio sofrimento sem ter a quem recorrer para sua própria defesa. (SILVA; MOURA; LOPES, 2018, p. 106)

Na verdade, o preconceito é algo tão antigo, que chega, em muitas vezes, a parecer que faz parte de nossa cultura. E, para muitos, o que estes professores entrevistados trazem em suas falas, não é preconceito, mas sim, opinião. A GR, por ser um esporte dito como feminino, acaba sendo um campo ideal para a disseminação dos mais diversos tipos de preconceitos. É interessante observar na fala dos respectivos professores, que a discriminação feita por eles serem homens, não vem de suas alunas, mas sim, de pais, diretoras, treinadoras, da sociedade, que trabalha ou convive com a própria ginástica. E quando perguntados se recebem algum tipo de *feedback* de suas alunas e pais, eles informam que sim.

E1 *“As alunas falam que minhas aulas são muito divertidas, que eu interajo bastante com elas e que eu realmente sou muito habilidoso.”*

E3 *“Tanto as meninas quanto os pais dizem que sou criativo e que sei lhe dar com emoções das meninas. Da preparação, com a dedicação que elas tiveram várias treinadoras mulheres, mas nunca estiveram tão bem preparadas do que quanto estiveram comigo. Isso é muito bacana. Não desmerecendo as professoras, mas isso é muito bacana de ser ouvido. Já tive atletas que falaram que se sentiam mais seguras treinando comigo do que uma treinadora mulher.”*

Nessa última fala (E3), é importante observar novamente a comparação de gênero, a necessidade de um ser melhor do que o outro, nesse caso, do homem ser melhor do que a mulher. Nesse relato parece gritante a necessidade do homem ser melhor do que a mulher. Discussões sobre gênero sempre fizeram parte de nossa sociedade, e na ampla maioria das vezes, o homem sempre foi colocado como dominante. Os papéis de homens e mulheres há muito tempo vêm sendo denominados pela sociedade. Nesse relato em específico, pode se ver isso: o homem sendo colocado como sujeito do processo, como aquele que passa mais “confiança”.

De acordo com Silva

A construção dos papéis sexuais impostos para homens, como Machão, Viril, Poderoso, Dominador, está impregnada em nossa sociedade, sendo repassada para as futuras gerações, com naturalidade. (SILVA, 2012, p. 7)

Assim observa-se que esse papel do homem como dominador é uma construção social, que é passada de geração em geração e se torna cada vez mais difícil de ser retirada de dentro de uma sociedade.

5.4 Alunos do sexo masculino

Dos três entrevistados, nenhum deles trabalham atualmente com meninos dentro da GR. Dois deles informaram que já tiveram a oportunidade de trabalhar (E2 e E3), e apenas um informou nunca ter trabalhado (E1).

E1 *“gostaria muito se eu tivesse, mas é um objetivo pessoal meu. Quando eu me formar e for técnico, eu quero ter alunos meninos, eu quero trabalhar muito com eles, trazer a maior visibilidade possível com eles, não só com eles, mas também com outros alunos.”*

O E3 informa que

“Aqui em Curitiba, eu tive dois meninos, mas eles acabaram saindo, até por questão de preconceito, né? O Sul tem muito enraizado essa questão de homofobia e tudo mais. Nunca tive problema com os pais de alunas aqui, nem nada, porém, os pais sempre comentavam que os filhos deles tinham que jogar futebol, que ginástica era coisa pra menina. Já as mães pensavam diferente, então ficava esse impasse aí entre pai e mãe.”

Novamente em uma das falas, a questão preconceito está presente, afastando os meninos da prática da GR. Esse fato acaba atrapalhando a própria atuação do professor, no sentido de desencorajar a visibilidade para a GR masculina.

Outro ponto importante presente nos discursos é a questão de rotulação dos esportes, do que seria esporte para menino e o que seria esporte para menina. E esse não é um caso específico da GR; nos mais diversos esportes encontramos esta situação. Segundo Costa

Aos homens sempre foi permitido participar de qualquer modalidade esportiva, pela natureza masculina que enfatiza a força e a virilidade. Enquanto as mulheres são vistas como sensíveis, graciosas e para elas, são destinadas modalidades mais “suaves”, que tem pouco ou nenhum contato corporal com outros corpos como, por exemplo, a ginástica rítmica e o voleibol. (COSTA, 2017, p. 5)

A superação desta questão é algo que se busca há muito tempo, e as aulas de Educação Física acabam por serem fundamentais para esta superação de divisão por gênero.

Também foi perguntado aos entrevistados, se eles têm interesse em implantar a GR para homens, e pudemos ver que não é do interesse de todos os professores a implantação da GR masculina. Mas também é interessante de ressaltar que o relato de implantação de GR dado por eles, é referente a implantação em sua rotina profissional, em suas aulas. Dos três, apenas dois tem esse interesse.

E1 *“Sim, tenho planos futuros de fazer clinics, workshops somente para meninos, porque eu acredito que isso traria muita visibilidade. Eu não sei se isso daria certo, [...] mas eu queria reunir muitos meninos, no mínimo uns 20, só pra dar um boom, tipo caramba, os meninos estão se preparando, o esporte é para todos, dá pra fazer competição com a galera.”*

E3 *“Eu tenho sim, muita vontade de trabalhar com a GR masculina. O clube que eu trabalho, me dá total apoio. Porém não tem procura, né? A gente faz divulgação sem gênero, né? Fala que o esporte é para todos, coloca foto de menino fazendo ginástica, porém não tem procura. A falta de visibilidade também atrapalha.*

Ambos os entrevistados querem dar aula de GR para meninos, mas existem fatores que acabam atrapalhando, ou até mesmo impedindo que isso atualmente aconteça, seja por conta de uma formação que ainda está em andamento, ou por questões diretamente voltadas ao gênero. Cabe observar que no relato do professor E3, ele diz que a divulgação é feita sem gênero. Assim é interessante observar que a palavra gênero ainda carrega vários estigmas e que mesmo relatando que o esporte é para todos e que a divulgação é feita sem gênero, a presença de meninos não é comum nas aulas. O E3 ainda relata que na divulgação, é colocada foto de meninos fazendo ginástica. Aqui, neste caso, o fato de existir um profissional do sexo masculino dando aula parece não ser o suficiente para que os pais coloquem seus filhos para praticar GR, vê-se que não é o profissional atuante que atrai alunos, mas talvez, a imagem de um atleta praticante parece ser mais interessante aos olhos da sociedade.

Já o professor E2, que é o que já trabalha há mais tempo com GR, relata algo diferente do que já foi dito pelos entrevistados anteriores, ele atualmente não pensa em dar aulas para meninos.

E2 *“Então, eu acho bem interessante, eu acho bem bonito, inclusive a série de Natália Gaudio, foi montada por homens. Acho muito bacana, super apóio, mas eu, pra ser bem sincero, nunca tive vontade de imergir nessa área.”*

Em sua entrevista, ele informou também que não tem essa vontade por dois motivos específicos: por ser bem difícil ter público, e por conta de retorno financeiro.

E2 *“Porque assim, a GR já é muito carente de competição no nosso país como um todo, então o que acontece, pra você começar a trabalhar com GR masculina, você tem que dar um foco maior pra ela. Porque ela precisa ganhar visibilidade, e pra você viver disso é muito complicado. Então assim eu prefiro... no momento [...] não é uma opção minha imergir nessa área. Acho muito bacana, super apóio, possa ser que um dia eu queira, mas a princípio hoje eu não tenho essa gana, não tenho essa vontade, sabe? De abrir um projeto só para meninos.”*

Já para os que pretendem implantar a GR para meninos, as respostas de do porquê de ainda não terem implantado foram bem sucintas e precisas.

E1 *“Pretendo me formar primeiro.”*

E3 *“Não se tem procura, apesar de ter divulgação.”*

É confortante saber que esses professores pretendem um dia implantar a GR para meninos, mas ao mesmo tempo, preocupante por não se terem turmas já praticando. Logo surge a questão: “Como será o futuro dos meninos na GR?” Os três professores estão de acordo quando dizem que a GR está avançando, e que veem sim em um futuro, grandes competições disputadas por atletas do sexo masculino, mas se preocupam ao informarem também que não veem esse futuro como próximo, mas como algo ainda distante da realidade da GR.

5.5 A projeção de uma carreira de sucesso e seus possíveis desafios limitantes

A resposta aqui não foi unânime, existiram pensamentos diferentes acerca do que seria para eles uma carreira de sucesso. Mas coincidiram em seu objetivo final de carreira, de que seriam treinadores.

E2 *“Eu tenho sim na minha mente bem clara os meus objetivos enquanto treinador, o que eu quero pra minha vida, porém é muito difícil, sabe? É muito complicado, principalmente pra mim que sou homem. Pra homens em geral é complicado. O objetivo que eu tenho um dia é fazer ginastas que cheguem na seleção brasileira, esse é o meu maior sonho, meu maior objetivo de vida hoje. Possa ser que futuramente isso mude.”*

E3 *“Eu projeto sim, com certeza, uma carreira de sucesso formando grandes atletas. Porém ao longo desses anos que trabalho com GR, eu já tenho realizado pequenos feitos que para mim são grandes, né? Como as conquistas individuais de cada atleta, pequenas evoluções. Medalha é muito legal, é muito gratificante ter uma atleta campeã de alguma competição, ou não campeã, estando no pódio também é muito legal, ter o seu trabalho reconhecido por outros profissionais. Isso é muito gratificante, porém as conquistas diárias ali nos treinos, quando uma atleta consegue executar um salto bonito, consegue fazer uma recuperação difícil, consegue uma dificuldade corporal bem executada, isso pra mim já é gratificante. Tem a questão sim de empecilhos, né? A falta de incentivo e tudo mais, porém o profissional que trabalha com GR, ele tem que se reinventar todos os dias né.”*

Na fala desses dois professores, fica bem claro que eles estão focados em sua carreira como treinadores, e para eles uma carreira de sucesso está diretamente ligada à formação de bons atletas, na preparação destes para grandes eventos esportivos e também nas conquistas obtidas por cada atleta treinados por eles.

Para Costa

[...] a avaliação da carreira compreende a carreira como um todo, envolvendo não só o momento atual da pessoa no trabalho que ela está exercendo, mas sua ocupação analisada conjuntamente com seu plano pessoal de carreira em perspectiva histórica. (COSTA, 2013, p. 2)

Já o professor E1, traz uma visão um pouco diferente:

“Eu não vejo uma carreira de sucesso, porque pra mim, uma carreira de sucesso seria se eu competisse um mundial ou até mesmo ir para as olimpíadas. Mas [...] o que realmente empata é a FIG, né? Pra ter essa carreira de sucesso. Porque eu acredito que se eles incentivassem mais essa GR igual a das meninas... porque a que eles apoiam é aquela japonesa que não tem nada a ver com GR. Isso é bem triste. É isso que eu imagino. Eu acredito que eu não consiga pegar essa fase de um mundial, um pan-americano ou até mesmo um sul-americano, né? Porque as coisas estão andando, mas ainda assim estão devagar. Então eu não vejo uma carreira de sucesso, por esses motivos que eu citei.”

Vale lembrar, que dos três professores entrevistados, apenas este praticou GR antes de se tornar professor desta modalidade, logo ele projetava para si uma carreira como atleta de GR. E ele mesmo relata que não acredita que poderá

participar de grandes competições, porque existe um avanço no que diz respeito à participação de atletas do sexo masculino competindo dentro da GR, mas para grandes competições não se tem esse avanço ainda. Mesmo assim, esse professor projeta uma carreira em que ele possa formar atletas e fazer com que estes participem de grandes competições. Nesse sentido, vemos que a cada olimpíada, novos esportes olímpicos estão sendo incluídos neste grande evento, mas com alguns esportes como a GR, o processo de evolução e inclusão de homens na prática, ainda está bem lento.

“Eu gostaria de ter um ginasta menino, né? E fazer a carreira dele uma carreira de sucesso, o que eu não tive, eu gostaria que ele tivesse, entendeu? Poder competir mundiais, copas do mundo, essas competições importantes assim, competições internacionais. Eu ficaria bem satisfeito como técnico mesmo, [...] se eu for como treinador, eu já estou muito satisfeito, já é um objetivo super realizado. E eu espero que seja um menino, né? Se for uma menina eu também fico bem feliz, mas o objetivo principal é fazer um atleta de sucesso da GR masculina.”

5.6 Potencialidades de um professor do sexo masculino que possam melhor contribuir para essa modalidade

Como pergunta final da entrevista, podemos observar que as visões de cada professor se diferem um pouco. Para o E1, ele vê como positiva a atuação de homens dentro da GR. Porém o que de certa forma acaba chamando bem a atenção é como os professores E2 e E3 veem essa questão.

E2 “Eu acho que quando você é homem você adquire um relacionamento de respeito um pouco maior com as ginastas, sabe? Você evita de ter m pouco mais de intimidade, que isso pode causar futuramente problemas. Atleta e técnico muito próximos, muito amigos, muito junto unha e carne, acho que não seja muito saudável, sabe? Acho que quando você é homem, você tem que manter o respeito acima de tudo, acho que mais que mulher sabe, porque você é uma figura masculina que está ali. Não querendo ser machista... Mas tipo assim: homem lidando com mulher, ainda mais à vista assim, de pessoas de fora. Não sei se você entende. É mais complicado. Eu acho q isso é um ponto positivo, sabe? A gente que é homem e trabalha com mulher sabemos separar bem as coisas.”

A visão desse professor é bem distinta da atuação de um professor do sexo masculino atuando com meninas numa modalidade exclusivamente feminina. Torna-se interessante observar também, a visão do que pode, de certa forma, ser um receio do pensamento da sociedade sobre sua atuação com alunas, o que o faz acabar rotulando, assim como já aconteceu em falas anteriores dos professores, uma diferença do modo de atuar de um profissional do sexo masculino, da forma de atuação de uma profissional do sexo feminino. Talvez isso seja por pressão da sociedade, ou até mesmo por estigmas que são carregados consigo e que podem também terem sido impostos pela própria sociedade.

Já na visão do professor E3

“Bom, eu acho q não tem uma característica assim que eu possa falar aqui que me faça sobressair por ser do sexo masculino. Homens e mulheres treinadores têm a mesma capacidade, desde que estudem e se capacitem para algo, né?”

Assim, observamos que este professor tem sua visão voltada para o profissional em si, e não focada em ser um profissional do sexo masculino ou feminino, o que é uma visão extremamente importante. Este professor reforça que o importante é ser profissional. O que também não significa que professores com opiniões diferentes não acabem pensando semelhante a este, mas acabam se diferenciando, pelo que a sociedade acaba impondo aos profissionais, são visões diferentes, que não fogem nem da realidade do ser professor e também da sociedade em que vivemos.

Este estudo passou por algumas limitações, alguns impostos pela atual pandemia de COVID 19 que estamos enfrentando e outros pela própria disponibilidade dos entrevistados. O estudo não teve como ser de forma presencial, aulas dos profissionais entrevistados não puderam ser observadas, dentre outras. Além destas, os horários dos entrevistados estavam bem apertados, pois estes estavam em período de competição e outros professores que a princípio fariam parte da pesquisa foram saindo, por motivos não citados por eles.

As questões aqui apresentadas, de acordo com o que foi dito por cada entrevistado, abrem caminhos para pesquisas futuras dentro da área. Variáveis como a visão dos alunos do sexo masculino sobre sua atuação numa modalidade exclusivamente feminina; como estes alunos veem a atuação dos professores dentro

da GR; em um futuro, como esses professores entrevistados estão enxergando o desenvolvimento da GR para o sexo masculino; fazer uma comparação do que foi dito pelos entrevistados no atual estudo, do que pode ser dito em um estudo futuro; atuando mais dentro da escola, podemos fazer uma pesquisa buscando fazer uma comparação em turmas diferentes, onde em uma das turmas se passa a informação de que a GR é uma modalidade exclusivamente feminina e em outra turma não passar essa informação, para assim analisar o desempenho dos meninos, além de outras variáveis que podem aparecer com o passar do tempo.

6 CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo é de identificar quais são as limitações que enfrenta um professor de GR, logo limitações como preconceitos por serem homens trabalhando numa modalidade exclusivamente feminina são os primeiros a aparecerem. De acordo com cada professor entrevistado, esses preconceitos acabam criando barreiras para a entrada e também permanência dentro da GR, barreiras que são criadas tanto pela sociedade, quanto alguns que são criados dentro do próprio ambiente de trabalho.

Algumas outras limitações são de falta de espaço para atuação, pois para uma modalidade dita como feminina, as mulheres acabam tendo um maior espaço para atuação. A falta de alunos do sexo masculino acaba atrapalhando o desenvolvimento da modalidade para os meninos, tendo em vista que a visibilidade de se ter alguém atuando pode gerar o interesse para que no futuro esses possíveis alunos venham a se tornarem professores desta mesma modalidade. A forma de divulgação que esta sendo feita hoje acaba atrapalhando também, pois na mídia é sempre dito que a GR de forma geral é feminina, mesmo onde segundo os entrevistados já existem competições feitas por meninos.

Outro objetivo dessa pesquisa é o de apontar quais são as potencialidades de um professor desta modalidade, e de acordo com o que pode ser visto do que foi dito por cada entrevistado, a visão que cada um tem acerca desse quesito se diferenciam entre si, para uns a relação de confiança e respeito aumenta, para outro o ser profissional é mais importante e que ser do sexo masculino ou feminino não diferencia na prática, mas sim o seu profissionalismo. Com isso observa-se que, um profissional do sexo masculino acaba trazendo sim uma maior visibilidade para a presença do sexo masculino numa modalidade feminina, as relações de respeito e confiança dentro do âmbito de trabalho são fortes, o que acaba quebrando com algumas barreiras impostas pelo preconceito. E algo bem importante, que é o profissionalismo, que as pessoas devem ser olhadas como pessoas, e não só pelo seu sexo.

Assim torna-se importante ressaltar que a presença de ambos os sexos dentro de determinada modalidade, não atrapalha, mas diversifica o público desta modalidade e acaba por romper barreiras impostas pelo preconceito, logo a GR, uma modalidade ainda dita como feminina e assim carrega consigo alguns

preconceitos, pode e deve ser a modalidade que vem a proporcionar uma grande mudança quando se define a qual gênero pertence determinada modalidade, ela pode ser um agente de mudanças.

A temática gênero deve ser sempre problematizada em todos os ambientes, principalmente naqueles ainda ditos como pertencentes a um ou outro sexo, como por exemplo, no caso da GR. Quando se leva a GR para dentro da sala de aula, deve-se saber que o fato desta modalidade ser tratada como feminina, pode ser um fator que dificulte o trabalho do professor com meninos por exemplo e isso deve ser levado em conta quando se for planejar e dar uma aula desta modalidade, pois a questão do gênero aqui não pode ficar de fora da discussão. Trabalhar as questões voltadas ao gênero dentro da sala de aula, pode ajudar a fazer com que esta geração que esta sendo ensinada hoje, se torne uma geração mais inclusiva e menos preconceituosa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das entrevistas, foi possível conhecer de forma breve a visão que cada professor entrevistado tem acerca da GR masculina, além de seu cotidiano e o que levou cada um a exercer esta profissão. Devemos levar em conta à questão da visibilidade, que foi um dos pontos mais relatados entre os três entrevistados, a importância que uma boa visibilidade para esta modalidade da ginástica sendo praticada por homens precisa ter. Foi visto também a presença constante da palavra preconceito e os males que o preconceito pode trazer, antes de exercer a profissão e até mesmo depois de já estar trabalhando com a GR. O fato de serem homens dando aulas de GR, não faz com que a prática de meninos seja constante em suas aulas, deixando quase sempre de existir meninos praticando GR nas aulas dos entrevistados. Vê-se também bastante influência externa na prática tanto dos entrevistados e principalmente na possível entrada de novos alunos do sexo masculino para praticar GR.

Como dito anteriormente, a GR é uma prática de exclusividade feminina, mas após a realização das entrevistas, pudemos ver que isso vem mudando, que a inclusão masculina vem sendo feita cada vez mais. Com isso, foi observado a importância de mais um esporte não carregar o estigma de ser masculino ou feminino, mas sim, através da visão de professores atuantes na área, que o esporte deve ser para todos, logo uma modalidade como a GR, não poderia ficar de fora do modelo geral de esportes. E através da visão destes professores, foi visto que esportes que envolvem beleza, leveza, delicadeza, não são de exclusividade de um único sexo, pois essas qualidades não são de um ou de outro, mas de ambos os sexos.

O conjunto dos dados nos permite identificar várias limitações que eles sofrem para poderem atuar dentro desta modalidade da Ginástica, sejam elas por interferências internas ou externas. Também é possível apontar algumas potencialidades de um professor atuar nessa área, como a questão da própria visibilidade, que foi tão relatada por cada professor. A visão que cada um tem sobre sua atuação é bem distinta, já a visão que eles têm de futuro se assemelham muito.

A hipótese inicial levantada, de que estes professores sofrem com limitações de espaço para atuar por serem homens, se torna real, desde o início de suas trajetórias, estes professores enfrentam barreiras para atuação, barreiras como o preconceito, por exemplo, por serem homens atuando numa modalidade ainda dita como feminina. Na atualidade destes professores, a realidade esta um pouco diferente, suas atuações são bem vistas e estes são respeitados dentro do local onde trabalham, mas o trabalho com meninos ainda é bem escasso, ate por falta de publico mesmo, assim se encontra mais uma barreira imposta pela própria sociedade. De acordo com o relatado, o grande problema ainda é a falta de visibilidade para que meninos atuem, e também a falta de competições para estes mesmos meninos, o que acaba levando a alguns ginastas do sexo masculino desistir da modalidade.

Assim observo através da visão e da realidade dos entrevistados que, a modalidade da GR esta numa constante evolução e que a inclusão de meninos no meio competitivo desta modalidade está se tornando cada vez mais uma realidade. Com isso, vejo o quão importante é conhecer a visão destes profissionais, e o quanto o trabalho deles hoje pode refletir numa evolução da modalidade no futuro. A atuação deles hoje pode trazer amanhã a visibilidade que a GR masculina esta precisando e pode assim fazer com que meninos venham cada vez mais praticar esta modalidade. Tal reflexo também pode também mudar a visão que se tem de outros esportes.

Este estudo pode vir contribuir de forma positiva no que diz respeito a temática inclusão por exemplo, profissionais do sexo masculino atuantes dentro da GR ainda são pouco vistos e são poucos ou nenhum estudo na área que dão voz a estes profissionais, logo se vê a importância desses profissionais para a difusão do esporte para todos, assim se faz importante também tratar a temática gênero dentro de um esporte ainda visto como feminino, pois estes profissionais existem e precisam de visibilidade para poderem atuar e assim poderem ajudar a quebrar barreiras impostas pelo preconceito.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. **Mulheres atletas:** re-significações da corporalidade feminina. Revista Estudos Feministas, v. 11, p. 445-465, 2003.

ATHAYDE, Pedro et al. **O esporte como direito de cidadania.** Pensar a Prática, v. 19, n. 2, 2016.

BOAVENTURA, Patrícia Luiza Bremer; VAZ, Alexandre Fernandez. **Políticas do corpo feminino:** a (s) identidade (s) feminina (s) em atletas de ginástica rítmica (GR). FAZENDO GENERO, v. 9.

BOAVENTURA, Patrícia Luiza Bremer et al. **Técnica, dor, feminilidade:** Educação do corpo na ginástica rítmica. 2011

CANAN, Felipe; STAREPRAVO, Fernando Augusto. **O direito constitucional ao esporte em perspectiva comparada.** Cuestiones constitucionales, n. 42, p. 103-135, 2020.

COLLI, Eduardo. **Universo olímpico:** uma enciclopédia das Olimpíadas. Conex, 2004.

COSTA, Luciano Venelli. **Construção e validação de uma escala de percepção de sucesso na carreira.** Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe)| ISSN-e: 2237-1427, v. 3, n. 1, 2013.

COSTA, Natália Suprani. **A separação das aulas de educação física por gênero:** representações sociais de meninos e meninas. 2017.

GAIO, Roberta Cortez; SANTOS, Ana Paula dos. **Ginástica e discussões de gênero:** a ginástica rítmica na formação profissional em Educação Física. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, v. 9, 2010.

GINÁSTICA, Federação Internacional. **Ginástica Rítmica:** História. Disponível em: <<https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/hist-rg.php>>. Acesso em: 30 de Set. 2021.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação:** uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência:** diferentes concepções. Poíesis pedagógica, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. **O futebol feminino e sua inserção na mídia:** a diferença que faz uma medalha de prata. Pensar a Prática, v. 10, n. 1, p. 69-82, 2007.

NOVAES, Marcus Pereira. **A Educação Física e a Mídia Esportiva.** Revista Alterjor, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2010.

OLIVEIRA, Glycia Melo; PORPINO, Karenine de Oliveira. **Ginástica rítmica e educação física escolar:** perspectivas críticas em discussão. Pensar a prática, v. 13, n. 2, 2010.

PEDRO, Claudia Bragança; GUEDES, Olegna de Souza. **As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres.** Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, p. 1-10, 2010.

SARÔA, Giovanna Regina et al. **A história da ginástica rítmica em Campinas.** 2005.

SILVA, Carla da. **A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher:** uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. *Revista Direito em Foco*, v. 5, p. 1-9, 2012.

TUBINO, Manoel. **O que é esporte.** Brasiliense, 2017.

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o documento de consentimento de sua participação, sabendo que deve imprimir ou gerar um pdf deste TCLE para ter uma cópia, e que pode solicitar uma versão dele via e-mail para o pesquisador. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida você pode entrar em contato com o pesquisador responsável através do telefone (81) 98691-8366 e/ou pelo e-mail wilson.paulo581@gmail.com

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: o trato com o conteúdo ginástica rítmica: a percepção de professores do sexo masculino sobre sua atuação numa modalidade exclusivamente feminina.

Responsável: Wilson Paulo da Silva Bezerra

Objetivo da pesquisa

Conhecer e analisar a visão e a realidade de professores do sexo masculino sobre sua atuação na Ginástica Rítmica.

Com o intuito de saber: Como se dá a atuação de professores do sexo masculino na Ginástica Rítmica, uma modalidade exclusivamente feminina?

Observações importantes

A pesquisa não envolve riscos à saúde, integridade física ou moral, nem benefícios àquele que será sujeito da pesquisa. As informações obtidas serão confidenciais, assegurando o sigilo absoluto. Os dados obtidos serão divulgados de forma que não possibilite sua identificação. A pesquisa será convertida em um relatório de pesquisa, onde não constará o nome dos sujeitos colaboradores da pesquisa, preservando seu anonimato e poderá ser posteriormente publicada em forma de artigo científico, bem como apresentada em congressos e similares. Não será fornecido nenhum auxílio financeiro, por parte dos pesquisadores, seja para transportes, ou gastos de qualquer outra natureza, tendo em vista que será realizada de forma online. A coleta de dados deverá ser autorizada e poderá ser acompanhada por terceiros. Os resultados obtidos com os dados coletados, bem como possíveis imagens, serão sistematizados e posteriormente divulgados na forma de um texto monográfico.

TERMO DE CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Eu concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre o que vai acontecer na pesquisa e o que terei que fazer, assim como possíveis riscos e benefícios da participação na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Fui informado também que devo imprimir ou gerar um pdf do TCLE para ter a minha cópia do TCLE e que posso solicitar uma versão dele via e-mail para o pesquisador.

ACEITO PARTICIPAR ()

NÃO ACEITO PARTICIPAR ()

Assinatura

ANEXO 2

ENTREVISTAS TRANSCRITAS

X	1	2	3
1. Nome completo	Albert Bert	Jefferson Lima	Felipe Carvalho de Souza
2. Nascimento	29/12/2001	24/07/1993	18/02/1992
3. Cidade	Santos/SP	Recife/PE	Curitiba/PR
4. Gênero	Masculino	Masculino	Masculino
5. Formação	Cursando Educação Física	Profissional de Educação Física	Licenciatura plena em Educação Física
6. Atua em escola	Não	Não, mas já atuei	Não
7. Onde atua	Akstúdio de GR	Colégio da imaculada conceição, Barro, recife/PE. Atualmente em associação de GR	Associação de GR
8. Como começou seu interesse pela GR?	O meu interesse começou nas olimpíadas de 2008, eu não lembro qual foi o país, mas foi se não me engano Pequim, sei que foi na China. Eu lembro como se fosse ontem a série de massas da Ana, as massas eram vermelhas e pretas e foi incrível. E foi onde começou meu interesse. Eu comecei a brincar de Gr e até hoje estou brincando. Foi através da Anna Bessonova, foi assistindo ela que eu criei meu interesse.	Eu conheci a ginastica na escola, na minha escola tinha ginastica e a ginastica era sempre depois da educação física, não minha educação física era antes da aula de ginastica, então quando estava acabando minha aula de educação física, as meninas da ginastica estavam chegando, e sempre a professora pedia pra eu carregar o tapete pra quadra, pra levar o som, pra levar material, sempre ia eu e alguns amigos que estavam lá na aula de educação física, no caso era contra turno, que a aula das meninas era um pouco mais tarde e	Eu sempre fui muito fã da ginastica e assistia jogos olímpicos e pan-americanos, mas não tinha interesse em trabalhar com a GR, eu não sabia qual a minha vocação né, entrei na faculdade mais pelo fitness né, porem no quinto semestre eu tive a matéria de GR e a minha professora era a Roberta Gaio q é referencia na ginastica brasileira e ela tem muitos livros e artigos, ela é referência na ginastica rítmica brasileira principalmente na GR popular e GR escolar e ali foi o meu estímulo pra q eu começasse a procurar mais pela GR e trabalhar com

		a gente ajudava, ai eu sempre ficava pra ver os treinos um pouquinho sabe. E foi aí que começou meu interesse.	ela.
9. Já praticou?	Sim	Não, eu nunca cheguei a praticar porem como era uma escola do estado, tinham alguns rapazes que eram de banda marcial que eles queriam praticar ginastica e a gente não tinha o poder de dizer não você não pode fazer, e ai a gente dava aulas pra eles, mas eu nunca pratiquei não.	Não, nunca fui atleta de GR.
10. Se a resposta anterior foi sim, você sentiu algum tipo de preconceito ao começar a praticar GR?	Sim, isso é muito triste de falar, quando fiz 12 anos de idade, eu procurei um clube para aperfeiçoar o meu talento, porque até então, eu treinava vendo vídeo no <i>youtube</i> , eu via os vídeos, fazia filmava e me corrigia, querendo ficar igual a fulana, uma ginasta que eu gostava na época. O nome do clube é xperia e era próximo onde eu morava, eu fui lá com minha vó fazer a matricula só que eles não me aceitaram pra poder treinar porque eu era menino e a moça da recepção frou q a ginástica que meninos praticavam era a artística, que tem cavalo, que pula	X	X

	<p>nas argolas e eu fiquei olhando pra ela e falei que não quero competir porque ela questionou isso, mas eu só quero treinar. Depois acabou dando tudo certo porque eu procurei um outro clube, mas demorou um pouco de tempo, quando fiz 13 anos eu consegui entrar em uma equipe de ginastica. Eu pensei em mudar de esporte depois desse episódio e fui fazer GA, mas eu era muito flexível e não me identifiquei, e o professor mandou eu procurar um clube de GR porque eu nasci para isso.</p>		
<p>11. Como você entrou em contato com a GR?</p>	<p>Eu treino em santos, mas antes de vir pra santos, eu treinei em outras duas cidades, Itapevi e Francisco Morato, eu participei dessas duas equipes e fui muito bem acolhido.</p>	<p>Comecei na GR acho q eu tinha 19 anos, atuando né, eu estagiava meio que legalmente eu era primeiro período da faculdade. Por achar muito bonito a professora me sugeriu cursar educação física e ela me chamou pra ir na Nassau e eu conheci os materiais de GR e de GA, foi ela que deu o pontapé pra eu entrar nessa área.</p>	<p>O meu primeiro contato com a GR foi pela TV, assistindo os jogos olímpicos, eu era muito criança mas eu tenho memórias de assistir jogos olímpicos pela TV, os jogos de Atenas e os jogos de Pequim, eu fazia parte de bandas marciais na minha cidade na época que eu morava em SP e a minha irmã era baliza e meio que as balizas utilizam elementos da GR pra suas apresentações e eu acabava ajudando ela na preparação e montagem das coreografias.</p>

<p>12. Como você começou a dar aulas de GR?</p>	<p>Eu comecei a dar aula de GR porque eu tinha que vir morar em santos, e a Angélica Viethinsqui, ela estava trabalhando e ainda trabalha no clube que eu treino, e ela tem uma empresa por fora, que é uma empresa online e ela faz intercambio de ginastas, e como eu não estava na faculdade, não podia dar aula de GR, alongamento, flexibilidade, treinamento, eu só podia dar manejo de aparelhos que é a experiência que eu tenho dentro do esporte, que não é nada extraordinário e isso eu posso fazer. Ela precisava de uma pessoa pra dar aula de manejo porque a ginasta que dava antes foi para a Colômbia, daí ela me chamou porque ela disse q eu era muito habilidoso e precisava de pessoas com experiências novas para trabalhar com ela. Tenho planos futuros que estão no papel que é de dar aulas onde eu treino, como técnico de GR, de dar treino, montar coreografia e levar para competição.</p>	<p>Eu comecei a estagiar no primeiro período da faculdade, não era estagio remunerado, eu ia para assistir as aulas, era tipo assim, eu ia assistia as aulas e da professora com ela, acompanhando tudo bonitinho e não era remunerado. Quando eu comecei no terceiro período, aí sim, aí o bixo começou a pegar, porque ai eu já recebia pra estar ali entendeu? Era basicamente isso. Ai no primeiro e segundo período eu sempre estava acompanhado porque eu queria aprender mais sabe, porque eu já tinha decidido ali na verdade q era o que eu queria, então eu já queria sempre está aprendendo mais, ai eu largava da faculdade e já ia pra lá correndo, porque na faculdade só tem uma disciplina de ginastica, mas na nossa já tinha duas, era uma mais especificas da modalidade e outras pegava as de competição.</p>	<p>Eu comecei como estagiário em um projeto social lá em SP e depois q eu me formei na faculdade eu assumi as aulas como professor titular.</p>
<p>13. Há quanto tempo você trabalha com GR?</p>	<p>Quatro meses é o primeiro contato q estou tendo como professor</p>	<p>Se for ao pé da letra mesmo já fazem uns oito anos.</p>	<p>Desde 2017, desde o início deste ciclo olímpico.</p>

<p>14. Quais foram suas primeiras impressões quando começou a dar aulas de GR?</p>	<p>Eu lembro q na minha primeira aula fiquei inseguro. Porque a ele é meu professor, mas eu quero saber se ele é bom mesmo, quero saber se ele realmente tem experiência e eu conversei isso com uma amiga minha e ela me tranquilizou informando q a empresa que eu trabalho é de uma ginasta muito boa e isso me deixou mais tranquilo. E eu conheço vários e vários técnicos que são incríveis e na época deles era muito mais difícil de ter visibilidade. Um exemplo, o meu técnico mesmo ele fez GR por muitos anos e ele é supertalentoso para a GR, tinha linhas de pernas bonitas, tinha eixo, ele é incrível, mas ele não pode disfrutar por conta q não existia oportunidades, isso é triste.</p>	<p>Rapaz a minha primeira impressão assim... Porque eu comecei trabalhando com escolinha né? Então era muito mais tranquilo, eu vivia num mundo paralelo a ginastica, eu digo que era um mundo paralelo, porque a ginastica em si a ginastica de competição, eu vim vivenciar quando eu comecei a trabalhar no colégio da imaculada conceição, né que lá tinha ginastica de nível pra competir, torneio nacional, jogos escolares, sabe então a minha primeira impressão de ginastica de competição era que negócio difícil.</p>	<p>Pra mim era um universo novo né, eu nunca tinha tido contato realmente com a GR, eu já tinha feito alguns cursos antes de ser estagiário, eu procurei alguma especialização pra não chegar totalmente cru, mas eu tinha professoras muito boas, que eram as professoras titulares que me ajudaram bastante. Então, a adaptação foi bem tranquila, claro que eu tive que estudar bastante, pesquisar bastante pra saber o que eu estava fazendo, mas é como se eu já tivesse feito aquilo alguma vez na minha vida.</p>
<p>15. Agora enquanto professor de GR, você sente algum tipo de preconceito?</p>	<p>Eu nunca sofri preconceito como professor, minhas alunas super me respeitam e isso é incrível e é o que me motiva a continuar lutando pela GR para todos, na verdade o esporte para todos. Todas as pessoas têm direito a praticar.</p>	<p>Muito, meu deus do céu. Tanto é que na primeira escola que eu fui trabalhar, tiveram uns pais que se reuniram e falaram com a diretora e que não iriam aceitar um homem dando aulas para as filhas delas e que se ela me aceitasse eles iriam tirar a filha da escola, e ai à irmã conversou com</p>	<p>Eu não tive resistências assim dos pais, alunas. Eu sempre fui muito bem acolhido pelos pais e pelas alunas, porem de outras treinadoras ou diretoras de clubes e de escolas, eu já sofri preconceito sim. Quando eu decidi que era com ginastica que eu iria trabalhar, eu sempre bati na</p>

		<p>elas, a irmã que é uma mãe que é um colégio religioso, tentou conversar com elas, mas tiveram acordo, as meninas saíram da ginástica logo que eu entrei e fora isso várias outras escolas né que já bateram a porta na minha cara dizendo que não, que não aceitavam homem dando aula para meninas.</p> <p>É uma situação bem corriqueira, tipo aquele trocadilho né, é raro, mas acontece com frequência, é... Sempre tem sempre rola preconceito e essas coisas assim, mas assim já me deixei muito abater, mas hoje em dia eu já levo com bastante tranquilidade sabe.</p>	<p>porta das pessoas porque eu queria uma oportunidade de estágio, e eu ouvi vários não, teve treinadoras q me falaram q era pra eu procurar uma modalidade de homem, que ginástica não era coisa pra mim, ginástica era coisa de menina, inclusive no local onde eu fui estagiário, a antiga gestora não queria me contratar pelo fato de eu ser homem e gay, ela era muito homofóbica e não aprovava essa ideia. Eu entrei lá por conta do RH porque o RH gostou de mim e acharam que eu era a pessoa certa para a vaga e eles acabaram convencendo a minha ex-gestora. Meses depois da minha entrada, essa gestora foi demitida, e assim para o novo ciclo que vai até 2024, no código de pontuação diz q a ginástica não tem gênero, então eu acredito que nós estamos caminhando para uma igualdade no esporte, ainda bem, graças às federações espalhadas ai pelo mundo a fora que estão incluindo meninos na</p>
--	--	--	---

			ginástica.
16. Como as meninas veem sua atuação enquanto professor de GR?	Elas falam que minhas aulas são muito divertidas, que eu interajo bastante com elas e que eu realmente sou muito habilidoso.	É sempre um desafio sabe, quando a gente vai dar aula para uma criança. Sempre quando eu vou dar aula, é sempre uma espécie de sondagem, porque eu preciso conhecer a criança, eu preciso quebrar o gelo daquela criança daquela menina tendo aula com um homem, então no primeiro dia eu faço bem uma anamnese, eu falo muito, eu brinco muito, eu tento fazer a aula de uma forma mais dinâmica possível pra poder quebrar esse gelo, depois em diante vai ficando mais tranquilo, a pessoa vai conseguindo lhe dar melhor com essa situação toda de dar aula pra menina e criança, mas as aulas são sempre acompanhadas pelas babás das meninas, pelo menos as minhas aulas de funcional eu sempre gosto de ter a babá a mãe a vó pra acompanhar as aulas das crianças.	Tanto as meninas quanto os pais dizem que sou criativo e que sei lhe dar com emoções das meninas, da preparação com a dedicação, que elas tiveram varias treinadoras mulheres, mas nunca estiveram tão bem preparadas do que quanto estiveram comigo, isso é muito bacana, não desmerecendo as professoras, mas isso é muito bacana de ser ouvido. Já tive atletas que falaram que se sentiam mais seguras treinando comigo do que uma treinadora mulher.
17. Você tem alunos do sexo masculino	Não, gostaria muito se eu tivesse, mas é um objetivo pessoal meu, quando eu me formar e for técnico, eu quero ter alunos meninos, eu quero	Não a única vez q eu trabalhei com menino na GR, foi com um balizador era só ele que fazia a aula era numa escola pública em Camaragibe.	Eu tinha em SP um número considerável de meninos em minhas aulas, lá o foco não era o alto rendimento, eu trabalhava com o

	trabalhar muito com eles, trazer a maior visibilidade possível com eles, não só com eles, mas também com outros alunos.	Porque ele queria ter mais flexibilidade, então ele fazia aula comigo lá.	esporte como ferramenta de transformação, eu trabalhava com crianças carentes, tinha bastante menino. Aqui em Curitiba, eu tive dois meninos, mas eles acabaram saindo, ate por questão de preconceito né, o Sul tem muito enraizado essa questão de homofobia e tudo mais. Nunca tive problema com os pais alunas aqui nem nada, porém os pais sempre comentavam que os filhos deles tinham que jogar futebol, que ginastica era coisa pra menina já as mães pensavam diferente, então ficava esse impasse aí entre pai e mãe.
18. Se a resposta anterior foi "sim". Como esses alunos veem sua atuação?	X	X	Nunca recebi <i>feedback</i>
19. Você tem o interesse de implantar a GR para homens?	Sim, tenho planos futuros de fazer clinicas, workshops somente para meninos, porque eu acredito que isso traria muita visibilidade, eu não sei se isso daria certo porque tem muitos rapazes que praticam GR q um é da Bahia, outro é de Sergipe, de SP eu só conheço cinco, mas eu não sei se eles se interessariam em fazer meu	Então, eu acho bem interessante, eu acho bem bonito, inclusive a serie de Natália Gaudio, foi montada por homens. Acho muito bacana, super apoio, mas eu pra ser bem sincero nunca tive vontade de imergir nessa área.	Eu tenho sim, muita vontade de trabalhar com a GR masculina, o clube que eu trabalho me da total apoio, porem não tem procura né, a gente faz divulgação sem gênero né, fala que o esporte é para todos, coloca foto de menino fazendo ginástica, porém não tem procura. A falta de visibilidade também atrapalha. A menina tem muitas

	<p>workshop, mas eu queria reunir muitos meninos, no mínimo uns 20, só pra dar um boom, tipo caramba, os meninos estão se preparando, o esporte é para todos, dá pra fazer competição com a galera.</p> <p>Também tem um grande problema, que é que muitos meninos não continuam na GR porque não tem competição que os meninos possam participar, teve uma moça de SP q fez um regulamento para meninos poderem competir, mas na minha visão isso é totalmente errado, a gente tinha que fazer acrobático de GA, mas muitos meninos desistem, eu conheço vários que desistiram q viam as meninas indo competir mas eles não competiam e isso abala muito o psicológico da gente, treinamos igual a elas estamos todos os dias na nossa luta, na nossa batalha e só queremos ter as meninas tem de competir. Eu acho isso muito triste, quando rapazes mandam mensagem que parou de treinar e sempre são as mesmas coisas, não tem</p>		<p>referências, mas os meninos não têm, existem poucos ginastas e a mídia quando passa, diz q é um esporte feminino o que não é verdade, então não se tem tanta divulgação a GR masculina.</p>
--	--	--	--

	<p>competição, minha técnica não que me levar para treinar e isso é muito triste, então é isso que eu penso, eu queria mudar esse cenário. Esse ano a copa são Paulo abriu competição para meninos e mesmo que não tenha mais meninos para competir, se eu entrar eles vão me avaliar.</p>		
<p>20. Considerando que a resposta da pergunta 19 foi "não". Por quê?</p>	X	<p>Porque assim a GR já é muito carente de competição no nosso país como um todo, então o que que acontece, pra você começar a trabalhar com gr masculina, você tem que dar um foco maior pra ela. Porque ela precisa ganhar visibilidade e pra você viver disso é muito complicado, então assim eu prefiro... no momento assim não é uma opção minha imergir nessa área, acho muito bacana, super apoio, possa ser que um dia eu queira, mas a princípio hoje eu Jefferson não tenho essa gana, não tenho essa vontade sabe, de abrir um projeto só para meninos. Até porque até o ciclo passado, o código passado, a GR vinha só para meninas, hoje em dia o novo código, a primeira frase que</p>	X

		<p>chama atenção do novo código, do novo ciclo é que o código ele não tem gênero, ou seja é um código para todos os gêneros, ou seja, eu acredito que agora como ganhou muita visibilidade a GR masculina, eu acredito que agora a FIG deve olhar com mais carinho e possivelmente pode virar sim, porque não uma modalidade olímpica, eu ficaria muito feliz, muito orgulhoso e é uma conquista exclusivamente de vocês rapazes, eu não sei se você pratica, mas de vocês rapazes que praticam a ginástica. Eu digo enquanto professor, porque eu quanto professor eu não sou muito da luta sabe, mas para os atletas que buscam sempre estar ali e treinam, é uma luta "foda" muito difícil.</p>	
21. Considerando que a resposta da pergunta 19 foi "sim". Porque ainda não fez?	Pretendo me formar primeiro.	X	Não se tem procura, apesar de ter divulgação.
22. Você projeta para si mesmo uma carreira de sucesso, ou vê desafios limitantes?	Eu não vejo uma carreira de sucesso porque, pra mim uma carreira de sucesso seria se eu competisse um mundial ou até mesmo ir para as olimpíadas, mas é realmente isso o que realmente	Eu tenho sim na minha mente bem clara os meus objetivos enquanto treinador, o que eu quero pra minha vida, porém é muito difícil sabe, é muito complicado, principalmente pra mim que sou	Eu projeto sim, com certeza uma carreira de sucesso formando grandes atletas, porém ao longo desses anos que trabalho com GR, eu já tenho realizado pequenos feitos que para mim são grandes né,

	<p>empata é a FIG né pra ter essa carreira de sucesso, porque eu acredito que se eles incentivassem mais essa GR igual a das meninas, porque a que eles apoiam é aquela japonesa que não tem nada a ver com GR, isso é bem triste, é isso q eu imagino, eu acredito que eu não consiga pegar essa fase de um mundial, um pan-americano ou ate mesmo um sul-americano né porque as coisas estão andando mais ainda assim estão devagar. Então eu não vejo uma carreira de sucesso, por esses motivos que eu citei.</p> <p>Eu gostaria de ter um ginasta menino né e fazer a carreira dele uma carreira de sucesso, o que eu não tive, eu gostaria que ele tivesse entendeu, poder competir mundiais, copas do mundo, essas competições importantes assim, competições internacionais, eu ficaria bem satisfeito como técnico mesmo é o que eu sempre falo pra minha mãe, ela sempre diz “a, mas você nunca vai para as olimpíadas”, mas eu digo a ela, se eu for como treinador, eu já estou muito satisfeito, já é um</p>	<p>homem, pra homens em geral é complicado. O objetivo que eu tenho um dia é fazer ginastas que cheguem à seleção brasileira, esse é o meu maior sonho, meu maior objetivo de vida hoje, possa ser que futuramente isso mude.</p>	<p>como as conquistas individuais de cada atleta, pequenas evoluções, medalha é muito legal, é muito gratificante ter uma atleta campeã de alguma competição, ou não campeã, estando no pódio também é muito legal, ter o seu trabalho reconhecido por outros profissionais, isso é muito gratificante, porém as conquistas diárias ali nos treinos, quando uma atleta consegue executar um salto bonito, consegue fazer uma recuperação difícil, consegue uma dificuldade corporal bem executada isso pra mim já é gratificante. Tem a questão sim de empecilhos né, a falta de incentivo e tudo mais, porém o profissional que trabalha com GR, ele tem que se reinventar todos os dias né.</p>
--	---	---	---

	<p>objetivo super-realizado, nossa eu não sei nem falar, só de pensar eu já fico arrepiado. E eu espero que seja um menino né, se for uma menina eu também fico bem feliz, mas o objetivo principal é fazer um atleta de sucesso da GR masculina.</p>		
<p>23. Quais as potencialidades que você vê enquanto professor do sexo masculino, que possam melhor contribuir para essa modalidade?</p>	<p>Pontos positivos que eu vejo de homens atuando na GR, trabalhando com isso né, vivendo cada dia após dia.</p>	<p>Eu acho que quando você é homem você adquire um relacionamento de respeito um pouco maior com as ginastas sabe, você evita de ter um pouco mais de intimidade que isso pode causar futuramente problemas, atleta e técnico muito próximos, muito amigos, muito junto unha e carne, acho que não seja muito saudável sabe, acho que quando você é homem você tem que manter o respeito acima de tudo, acho que mais que mulher sabe, porque você é uma figura masculina que está ali, não querendo ser machista, mas tipo assim homem lhe dando com mulher, ainda mais avista assim de pessoas de fora, não sei se você entende, é mais complicado, eu acho q isso é um ponto positivo sabe, a gente q é homem e trabalha com</p>	<p>Bom, eu acho q não tem uma característica assim que eu possa falar aqui que me faça sobressair por ser do sexo masculino, homens e mulheres treinadores tem a mesma capacidade desde que estudem e se capacitem pra algo né.</p>

		mulher sabemos separar bem as coisas.	
--	--	---	--

APÊNDICE 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

- 1 – Nome completo?
- 2 – Nascimento?
- 3 – Cidade?
- 4 – Gênero?
- 5 – Formação?
- 6 - Atua em escola?
- 7 - Se sim, em qual?
- 8 - Como começou seu interesse pela GR?
- 9 - Já praticou?
- 10 - Se a resposta anterior foi sim, você sentiu algum tipo de preconceito ao começar a praticar GR?
- 11 - Como você entrou em contato com a GR?
- 12 - Como você começou a dar aulas de GR?
- 13 - Há quanto tempo você trabalha com GR?
- 14 - Quais foram suas primeiras impressões quando começou a dar aulas de GR?
- 15 - Agora enquanto professor de GR, você sente algum tipo de preconceito?
- 16 - Como as meninas veem sua atuação enquanto professor de GR?
- 17 - Você tem alunos do sexo masculino
- 18 - Se a resposta anterior foi "sim". Como esses alunos veem sua atuação?
- 19 - Você tem o interesse de implantar a GR para homens?
- 20 – Se Não, porque?
- 21 – Se sim, porque ainda não fez?
- 22 - Você projeta para si mesmo uma carreira de sucesso, ou vê desafios limitantes?
- 23 - Quais as potencialidades que você vê enquanto professor do sexo masculino, que possam melhor contribuir para essa modalidade?